

O PAPEL DAS CHARGES NO GOVERNO DE JOÃO GOULART

Désirée Ciro Nery dos Santos[1]

RESUMO

A deposição do presidente João Goulart com um golpe militar em 1964 deu início a mais um período ditatorial na história brasileira. Sua instalação contou com apoio de setores da sociedade civil onde, mais uma vez, a sociedade ficava sob a tutela de um Estado autoritário. Os jornais, instrumentos de críticas, social e política, através de charges e caricaturas, com humor chárgico, repassavam para a população, a imagem de um presidente como líder confuso, indeciso, que simpatiza com o comunismo, contribuindo dessa forma para a disseminação de sentimentos de medo e insegurança na população do país. O objetivo deste artigo é abordar o papel das charges e caricaturas do Presidente João Goulart, publicadas nos jornais que circularam no período do golpe de 1964. Neste contexto, somam-se também os esforços de compreender metodologicamente as charges e caricaturas a partir das técnicas iconográficas de investigação imagética.

Palavras-chave: Charges; João Goulart; Golpe de 1964.

1 Mestranda do Curso de História da Universidade Católica de Pernambu

Introdução

Em 1964, João Belchior Marques Goulart, popularmente conhecido como "Jango", foi deposto pelos militares que tomaram o poder político e nele permaneceram por 21 anos. A justificativa para o golpe foi a necessidade de restabelecer a hierarquia e a ordem, de aniquilar o inimigo político e cultural; este bem estabelecido pelo contexto geopolítico global em sua convivência constante com a "ameaça comunista".

O movimento golpista recebeu, inicialmente, uma grande parcela de apoiadores, inclusive de jornais de grande circulação como: O Jornal do Brasil, O Globo, O Estado de São Paulo, Correio da Manhã, Tribuna da Imprensa, dentre outros. Sabe-se que, nenhuma informação jornalística é neutra, e que o jornalismo ilustrado reúne em si, tendências e ideologias que caracterizaram os grupos políticos que disputavam o poder nesse período, envolvidos ainda pelos interesses internacionais.

Durante o período que antecedeu o golpe militar, o uso imagético, através de caricaturas e charges, foi utilizado como meio de divulgação de críticas a João Goulart e dos seus aliados.

É necessário ressaltar ainda, que as críticas da imprensa podem ser positivas para os governantes, quando apontam desacertos e pontos vulneráveis em suas ações.

O fato de atacarem o governo de João Goulart não implicou, automaticamente, em apoio ao golpe e na instalação do regime militar, que perdurou até a redemocratização do país, ou seja, até o primeiro governo civil assumir o Brasil no ano de 1985, mas sim queriam passar uma imagem de um presidente inseguro e inábil.

Os caricaturistas e os chargistas, quaisquer que tenham sido as suas intenções, não formavam um grupo homogêneo, alguns deles chegaram a apoiar projetos reformistas do presidente João Goulart. Entretanto, muitos dos golpes desferidos contra Jango eram parecidos e, no final da crise, todos convergiram para uma crítica fervorosa contrária ao seu governo. Essas críticas, realizadas através do discurso imagético, ajudaram a alimentar o medo e a insegurança no meio em que o golpe foi gerado. É

neste contexto que o humor se destaca como uma ferramenta poderosa na máquina social.

Compreender a imagem da charge como documento, fragmento de uma realidade histórico-social, desconstruída através da análise do discurso iconológico, esclarece importantes acontecimentos histórico-sociais, permitindo ainda compreender o alcance dessa forma de expressão junto ao social e ao mesmo tempo, perceber a visão daqueles que vivenciaram a época. Através do presente artigo, traremos à tona o significado implícito das charges e caricaturas como documentos no contexto histórico da deposição do presidente Jango no ano de 1964.

Iconografia e Iconologia como Cenários Metodológicos das Caricaturas e Charges

A iconografia e a iconologia são métodos de análise de imagens desenvolvidos no âmbito da História da Arte. A inter-relação entre imagens, contextos históricos e discursos políticos, vem concebendo trabalhos inovadores no campo da historiografia.

O termo "iconografia", tal como usado no momento atual, adveio a partir do estudo do historiador da arte Aby Warburg (1866-1922), de nacionalidade alemã, estando associado ao termo iconologia, de modo que ambos representam métodos de interpretação de imagens. Embora inspirados na obra de Warburg, os métodos iconográfico e iconológico têm sua origem nas contribuições de Erwin Panofsky (1892-1968).

Erwin Panofsky, crítico e historiador da arte, também de nacionalidade alemã, foi um dos principais representantes da metodologia iconológica, que ao definir iconografia, partindo da etimologia da palavra, concebe significado à iconologia:

> Devido às graves restrições que o uso corriqueiro, especialmente neste país (EUA), opõem à palavra "iconografia", proponho reviver o velho e bom termo, "iconologia", sempre que a iconografia for tirada de seu isolamento e integrada em qualquer outro método histórico, psicológico ou crítico, que tentemos usar para resolver o enigma da esfinge. Pois, se o sufixo "grafia" denota algo descritivo, assim também o sufixo "logia" – derivado de "logos", que quer dizer pensamento, razão – denota algo interpretativo. [...] Assim, concebo a iconologia como uma iconografia que se torna interpretativa. (PANOFSKY, p. 54).

Logo, para o historiador Panofsky, o método iconográfico é de suma importância para a obtenção das informações a respeito de quando, onde e por quais determinados temas específicos surgiram. Já o método iconológico investigará a gênese e o significado das imagens figurativas, estudando, portanto, a "interação entre os diversos tipos; a influência das ideias filosóficas, teológicas e políticas; os propósitos e inclinações dos artistas e patronos; a correlação entre os conceitos inteligíveis e a forma visível que assume em cada caso específico" (PANOFSKY, p.53).

Indubitavelmente, ambos os métodos acontecem de maneira que se completam e, em situações distintas da análise, perspicácia que pode se enfatizar pelas etimologias de ambas as palavras. Enquanto a "iconografia" tem seu sufixo vindo do verbo grego *graphein*, "escrever", o termo "iconologia" é composto das palavras gregas *eikon* (imagem) e *logia* (discurso, pensamento), ou seja, discurso ou explicação da imagem. Para o historiador Panofsky, a "grafia" denota algo necessariamente descritivo, enquanto a "logia" revela um pensamento interpretativo a respeito do que fora grafado.

O trabalho com e sobre imagens é um grande desafio para os historiadores, que necessitam interpretar documentos e narrativas escritas, pois os processos de criação das imagens, os meios de circulação, as instâncias de legitimação e as suas formas de consumo não lhe são totalmente conhecidos.

As imagens acompanham o processo evolutivo humano e sua sociabilização desde a pré-história. Antes de apreender e de interpretar o mundo por meio de códigos escritos, o homem desenha, pinta e educa o olhar através de imagens. Nas sociedades contemporâneas as imagens atravessam a vida rotineira dos indivíduos e das organizações sociais, influenciando nas relações entre os homens com o visível e o invisível.

A História deixou de ser apenas uma narrativa de acontecimentos, mas voltou eu olhar para as análises das estruturas, ampliou as concepções de fontes documentais para pesquisa, concebendo uma maior variedade de evidências, em que não só os documentos escritos e oficiais seriam fontes confiáveis para pesquisa, mas passa a perceber que todas as evidências sobre a vida do homem podem ser passíveis de análise, como a escrita, a oralidade, o material, o imaterial, a música, os vídeos, dentre tantas outras. (BURKE 1992)

As fontes históricas não significam um registro absoluto da verdade. Elas devem ser contextualizadas, interpretadas, analisadas criticamente dentro do período, local e

objeto a que se estuda. E cada uma delas dessas fontes, requer uma interpelação diferente.

O uso de jornais da grande imprensa como fonte requer que se averigue qual a inserção social e política do referido jornal. A impressa é um ator político fundamental para disseminação de ideias e, por isso é importante caracterizar o jornal, onde a caricatura ou charge foi divulgada, e distinguir entre os vários tipos de publicação e intenção que o mesmo tinha em veicular àquela matéria.

Antes do regime militar instalar-se no Brasil, precisamente no ano de 1964, existiam dois tipos de jornais: os jornais de grande circulação – contra e pró governo, e os jornais da imprensa alternativa. Estes últimos eram ligados aos partidos e organizações de esquerda, que circulavam clandestinamente naquela época.

O trabalho com charges e caricaturas proporciona ao historiador acessar a sensibilidade de uma época. Segundo Rosa Maria Barbosa, "a caricatura lembra ao historiador a importância dada por contemporâneos a eventos que poderiam parecer insignificantes, apontando a relação entre os fatos, a manifestação popular e a opinião pública".

É por meio dessa arte gráfica que, os jornais misturam humor, crítica social e política, que denegrecem ou mesmo sublevam a imagem de um ator histórico, no caso o presidente João Goulart, ou uma instituição como o Legislativo e o Judiciário e seus integrantes. Cartunistas e caricaturistas nos revelam em ilustrações ora bem-humoradas, ora pessimistas, uma tensão política quase que palpável, revelando episódios, tramas e pretensões golpistas nada discretas de grupos políticos, civis, empresariais e militares na disputa pelo poder no Brasil.

Como nos mostra o professor Rodrigo Motta, a caricatura possui um notável poder de comunicação,

> ... pois têm a faculdade de fazer as mensagens chegarem ao público receptor de modo rápido e impactante. O segredo está na capacidade das imagens de sintetizar ideias e conceitos, o que explica a velocidade e a força de seu impacto, efeitos que a palavra não consegue produzir em intensidade equivalente. (MOTTA, 2006, p. 181)

devendo-se considerar como importante meio de difusão de desenhos humorísticos e críticos que expressam de forma simples e rápida suas ideias.

Charge e Caricatura

A caricatura é um desenho que prioriza a distorção anatômica do personagem caricaturado. Ela tanto pode ser uma forma de homenagem como pode, também, ser uma forma de deboche e crítica. Ela pode provocar o riso de uns e fúria em outros.



FIG. 01 2

Já a charge tem um aspecto crítico mais visível, ela não tem sutilezas e pode ser agressiva. Geralmente a charge se baseia em um acontecimento real, em fatos que envolvem polêmicas e indignação.



FIG. 02 3

A charge guarda em si o potencial de trazer à tona os sentimentos e a realidade na qual a sociedade está inserida. Esta forma de expressão se utiliza de outra ferramenta, a caricatura. Joaquim da Fonseca a conceitua como:

> [...] a representação plástica ou gráfica de uma pessoa, tipo, ação ou ideia interpretada voluntariamente de forma distorcida sob seu aspecto ridículo

2 MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Jango e o Golpe de 1964 na Caricatura**. RJ: Jorge Zahar, 2006, p. 44.
3 Disponível em: <http://augustobier.blogspot.com.br/>. Acesso em: 01.08.2022.

> ou grotesco. É um desenho que, pelo traço, pela seleção criteriosa de detalhes, acentua ou revela certos aspectos ridículos de uma pessoa ou de um fato. Na maioria das vezes uma característica saliente é apanhada ou exagerada. (FONSECA, 1999:17 *apud* SILVIA, 2009:2)

As charges políticas e de crítica social nem sempre vem carregadas de humor. A caricatura ou a charge política podem sobrexceder a questão do humor e passar uma mensagem ideológica, defendendo um ponto de vista.

> Na verdade, a caricatura ou charge, pode expressar sua idéia indo além do desenho de um simples personagem. Ela pode desnudar descobrir, denunciar, aos olhos do desenhista, toda uma estrutura de dominação.
> [...]
> A imagem, seja na forma de caricatura ou charge, tem poder de formar opinião, de conscientização e de crítica da realidade social e política de uma época. Ela reforça valores populares e auxilia na preservação da herança cultural de um povo, ela é reveladora, desmistificadora e colocar às claras as contradições que envolvem as ações daqueles que detêm o poder. (GAWRYSZEWSKI, 2008, 14)

Como formar de abordar fatos e acontecimentos que ocorriam num período de intensa movimentações políticas e sociais, tais imagens passaram a ter um enorme significado para que hoje, possamos melhor compreender e refletir a importância dos jornais e periódicos da época.

A imprensa ilustrada de 1963/1964 – Jango e o golpe militar

Ao iniciar a leitura de um texto noticioso ou opinativo em um jornal, é possível que o leitor tenha um olhar preestabelecido sobre o acontecimento, adquirido através da mensagem impulsionada pela charge ou caricatura política, que se encontra em destaque nas páginas. De acordo com Rodrigo Motta, “as expressões visuais possuem notável poder de comunicação, alcançando efeito superior ao do discurso verbal”, transmitindo com rapidez mensagens e discursos com “concisão e clareza” (MOTTA, 2006, p. 17-18).

O artista traduz por meio da expressão visual do desenho determinados acontecimentos a ser melhor e rapidamente compreendidos. Através do humor, ironia, sátira e sarcasmo, muitos dos chargistas que se destacaram à época, como: Lan, Hilde, Augusto Bandeira, Theo entre outros, reforçavam em seus desenhos o deboche sobre

situações específicas, do chefe do governo e de líderes políticos. Segundo Motta, "a representação é distorcida, caricata, mas a mensagem está lá" (MOTTA, 2006, p. 26). As charges acabam por estabelecer "comunicação eficiente com o grande público" (MOTTA, 2006, p. 73).

Caricaturas, charges e, posteriormente, as histórias em quadrinhos tornaram-se, desde os primórdios da imprensa, instrumentos de crítica social e política, bem como de registros de momentos importantes da história do nosso país. A charge, em especial, está diretamente relacionada à política.

O presidente João Goulart teve um governo conturbado desde o início, marcado pela crise econômica e política. Inicialmente sem poderes e com as mãos atadas, procura aliados para se estabelecer no governo e colocar em prática as reformas de base, haja vista que para ele assumir o poder foi implantado no país o regime parlamentarista.

A política de conciliação desenvolvida por João Goulart serviu de alguns dos temas das charges publicadas durante o ano de 1963.



FIG. 03 4

A charge mostra o presidente Jango interessado no restabelecimento do presidencialismo, pois a sua posse, em 1961, só foi garantida com a instituição do parlamentarismo.

Através de um plebiscito, em 1963, o país retorna ao presidencialismo e Jango passa a enfrentar novos obstáculos como: negociação de dívida externa reforma agrária, reforma ministerial, dentre outras.

---

4 Augusto Bandeira, O Correio da Manhã, 10.07.1962, *apud* Jayme Brener, Jornal do Século XX, p. 226.



FIG. 04 5

A charge acima, representa João Goulart e Juscelino Kubitschek dando cabo no parlamentarismo, através do plebiscito. Extirpa a outra cabeça do poder.



FIG. 05 6

O governo João Goulart, sobretudo na sua fase presidencialista, entre janeiro de 1963 e março de 1964, foi intensamente atacado por grupos conservadores contrários às suas diretrizes econômicas e políticas.

5 MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Jango e o Golpe de 1964 na Caricatura**. RJ: Jorge Zahar, 2006, p. 55.
6 MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Jango e o Golpe de 1964 na Caricatura**. RJ: Jorge Zahar, 2006, p. 98.



FIG. 06 7

A charge - figura 05, aborda um aspecto econômico, na medida em que ressalta a inflação, heranças de governos anteriores que se agravava naquele momento. A charge – figura 06, aborda um aspecto político, pois alude ao fantasma do comunismo, fazendo uma crítica no perfil esquerdista do governo de Jango.



FIG. 07 8

A charge acima, ilustra a dificuldade de João Goulart (Jango) para granjear apoio político a seu governo, já então na fase presidencialista. Historicamente ligado ao populismo de esquerda, Jango sofria forte oposição do centro e, sobretudo da direita, representada politicamente pela UDN de Carlos Lacerda, e de outros políticos e seguimentos conservadores.

---

7 MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Jango e o Golpe de 1964 na Caricatura**. RJ: Jorge Zahar, 2006, p. 165.
8 MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Jango e o Golpe de 1964 na Caricatura**. RJ: Jorge Zahar, 2006, p. 79.



FIG. 08 9

A leitura imagética da charge, que representa a Reforma de Bases – principal bandeira do presidente João Goulart, feita pelo autor Rodrigo Patto Sá Motta *in* Jango e o Golpe de 1964 na Caricatura é bastante interessante, senão vejamos:

> [...] o artista lança mão de artifício tradicional no universo cômico, representando os líderes políticos como crianças. Nesse caso Goulart, Brizola e Lacerda aparecem como escolares que disputam a maneira correta de resolver a fórmula desenhada no quadro-negro.
> [...]
> As reformas de base, um dos principais temas a polarizar o debate político nos anos de 1960, consistiam num programa amplo, cuja ambição era reformular diversos setores da vida nacional. (MOTTA, 2006, p. 117)



FIG. 09 10

A charge associa o presidente João Goulart ao varguismo e caracteriza sua política como antiga e ultrapassada.

---

9 MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Jango e o Golpe de 1964 na Caricatura**. RJ: Jorge Zahar, 2006, p. 117.
10 MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Jango e o Golpe de 1964 na Caricatura**. RJ: Jorge Zahar, 2006, p. 143.



JECA – Vosmicê não acha os métodos aqui mais mió que os dessa faminta dai?!

FIG. 10 11

A charge faz uma referência direta aos intentos de João Goulart levar a cabo a reforma agrária. O cartunista faz uma comparação entre a agricultura americana e a russa, deixando implícita uma crítica as supostas inclinações socialistas do presidente.

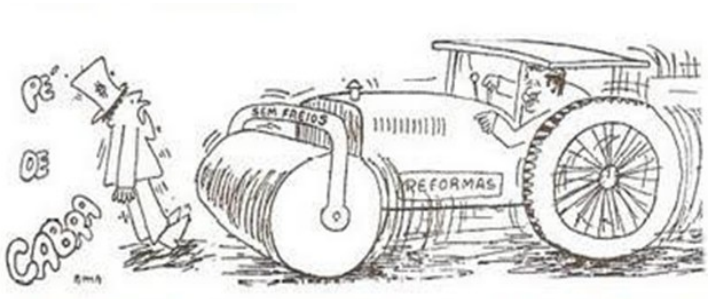


FIG. 11 12

Na charge se observa uma referência direta em relação às reformas de base propostas por João Goulart, que contrariava os interesses dos setores conservadores.



FIG. 12 13

João Goulart aparece na charge, publicada no Jornal do Brasil em 1963, equilibrando-se na corda bamba, dividido entre as esquerdas e a direta. O fracasso da

11 MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Jango e o Golpe de 1964 na Caricatura**. RJ: Jorge Zahar, 2006, p. 168.
12 MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Jango e o Golpe de 1964 na Caricatura**. RJ: Jorge Zahar, 2006, p. 123.
13 MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Jango e o Golpe de 1964 na Caricatura**. RJ: Jorge Zahar, 2006, p. 74.

sua política conciliadora vai se refletir no seu isolamento político, facilitando assim as pretensões golpistas de setores do exército, empresariado, capital estrangeiro, da UDN e seus aliados.



FIG. 1314

A charge significa a queda do presidente João Goulart que fecha o ciclo do Intervalo Democrático.



FIG. 13 15

A charge critica o presidente João Goulart e faz alusão a protestos, greves e forte crise política e social, que ocorriam durante seu governo.

Considerações finais

14 Disponível em: www.qconcursos.com/questoes-de-concursos/questoes/838ce643-e6 Acesso em: 04.08.2022.

15 MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Jango e o Golpe de 1964 na Caricatura**. RJ: Jorge Zahar, 2006, p. 104.

A compreensão imagética da charge, como documento de uma realidade histórico-social, desconstruída através da análise do discurso iconológico, elucida como os jornais repassavam para o mundo e a sociedade brasileira o governo e a personalidade do presidente João Goulart.

As narrativas chárgicas organizaram ou reorganizaram uma percepção dos fatos políticos a sua maneira, pontuando questões de acordo com os interesses do grupo jornalístico no qual estavam inseridas.

As charges, que circularam nos jornais, antes do golpe militar de 1964, colocaram à exposição do público leitor o presidente Jango como líder confuso, indeciso, que simpatizava com o comunismo, o que no período de Guerra Fria, não foi bem visto para Brasil, contribuindo para disseminação dos sentimentos de medo e insegurança.

Concluímos que as charges, enquanto expressões visuais sobre o político, provocam o humor através da crítica gráfica e do traço caricato, bem como que os desenhos podem contribuir para a elaboração da imagem pública de algum político, engrandecendo-o ou denegrindo a sua imagem, pois acentuam não somente suas características físicas, mas comportamentos políticos e suas personalidades.

A distorção de algum acontecimento político na charge pode definir melhor uma realidade social do que textos escritos. Assim, a caricatura política serve como alternativa de expressão opinativa e crítica sobre a realidade nos meios de comunicação impressa.

REFERÊNCIAS

GAWRYSZEWSKI, Alberto. C**onceito de caricatura: não tem graça nenhuma.** ***Domínios da Imagem***. Londrina, ano I, n. 2, p. 7-26, maio 2008.

KNAUSS, Paulo. **O desafio de fazer História com imagens. Arte e cultura visual**. ArtCultura, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan.-jun. 2006.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Rumo a uma história visual**. In: Martins, José de Souza; ECKERT, Comédia; CAIUBY NOVAES, Sylvia (Org.). O imaginário e o poético nas ciências sociais. Bauru, SP: EDUSC, 2005, p. 36.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Jango e o Golpe de 1964 na Caricatura**. RJ: Jorge Zahar, 2006.

PANOFSKY, Erwin. **Iconografia e Iconologia: uma Introdução ao Estudo do Renascimento**. In: Significado nas Artes Visuais. São Paulo: Perspectiva, 1991.

SILVA, D. C. **Humor e Ensino**: **J. Carlos e a caricatura no Ensino de História**. Revista Brasileira de História e Ciências Sociais, v. 1, p. 4, 2009.